

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 420p. ISBN 85-359-0409-3



Alexandre Maccari Ferreira*

A relevância da literatura como missão histórica

As questões pertinentes entre Literatura e História são objeto de discussão e tema desde Aristóteles, quando proferiu em sua *Poética*, elementos que distinguiram essas duas áreas. A separação e o entrecruzamento desses dois campos de estudo são elementos valiosos na busca de uma compreensão que vai além da simples constatação, permeando objetos de reflexão e análise estrutural de uma corrente teórica voltada à História Nova.

Nicolau Sevcenko em sua obra *Literatura como Missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República, apresenta com objetividade um painel nossa *belle époque*, especialmente no campo das idéias, centrando a sua análise crítica em duas figuras aparentemente marginalizadas tanto política como intelectualmente, apesar do êxito incontestável alcançado pelas obras que publicavam: Euclides da Cunha e Lima Barreto.

A partir do marco da Proclamação da República em 1889 até 1930 temos um período republicano no Brasil, denominado Primeira República ou República Velha. Esse período é controlado pelas oligarquias agrárias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, fortemente ligadas à agricultura cafeeira.

Em variados momentos ocorreram pequenas particularidades administrativas como o governo de 1889 a 1894, dominado pelos setores militares envolvidos diretamente na proclamação da República, sendo chefe do governo provisório, o marechal Deodoro da Fonseca, que posteriormente assumiu a Presidência em fevereiro de 1891, em eleição indireta pelo

* Mestrando em Integração Latino-Americana da UFSM. Graduado em História pela UFSM e Especialista em Literatura Brasileira pela UNIFRA. E-mail: macc.eastwood@gmail.com.

Congresso Constituinte. Mais tarde, desfavorecido pelas críticas feitas no parlamento à sua política econômica e à sua atuação política em geral, Deodoro renuncia em novembro do mesmo ano, assumindo em seu lugar o vice, Floriano Peixoto, que usa o apoio popular para radicalizar a luta contra os setores monarquistas, acusados de conspirar contra o novo regime.

Posteriormente, a presidência ficou a cargo de governantes civis, como Prudente de Moraes, que governou entre 1894 e 1898, inaugurando a fase de sucessão de presidentes eleitos pelo Partido Republicano Paulista (PRP) – Campos Salles (de 1898 a 1902) e Rodrigues Alves (1902 a 1906) – e pelo Partido Republicano Mineiro (PRM) – Afonso Pena (1906 a 1909) e Venceslau Brás (1914 a 1918). Formado pelas oligarquias paulista, mineira e fluminense, o núcleo central do republicanismo controla as eleições, faz presidentes e domina o país.

A relevância abordada, por Sevcenko, em sua obra está ligada às estratégias do esquecimento no Brasil que têm um de seus marcos simbólicos no começo do regime republicano, com a queima dos arquivos sobre a escravidão a mando do ministro plenipotenciário das Finanças, Rui Barbosa, defensor da modernização do país ao estilo anglo-saxônico.

Tal atitude é difícil de se imaginar, ainda mais partindo de um homem de cultura da têmpera de Rui Barbosa, mesmo que possa ter tido a insana idéia de mandar queimar os papéis, imaginando talvez que o fogo purificasse a chaga da escravidão. E que, a partir daí, esse período fosse apagado da História brasileira.

A verificação do Rio de Janeiro como centro do poder administrativo do Brasil, demarcou uma importante questão estratégica. Outro marco é a queima dos capitais da elite imperial com o Encilhamento, nome que assinalou a emissão de moeda e de ações que geraram enormes especulações, disparando a inflação, propagando a pobreza e fazendo nascer uma classe de arrivistas ricos.

Paralelamente a isso, deu-se o movimento da Regeneração que teve como marco inaugural o “bota-abaixo” da área central do Rio de Janeiro, a mais densamente povoada, sob a tutela do presidente da República, o fazendeiro paulista Rodrigues Alves, que culminou com a derrubada em 1920 do morro do Castelo, que havia assistido à fundação da cidade por Estácio de Sá.

O centro do Rio de Janeiro colonial havia se transformado em extensos pardieiros ocupados por gente pobre. Essa população foi mandada para os subúrbios ou para os morros que cercam a cidade e, no lugar daquele casario,

ergueram-se prédios no puro estilo *art nouveau* rigorosamente copiado das grandes capitais européias, inaugurando-se em 1904 a Avenida Central, hoje Rio Branco, para dizer ao mundo que nos trópicos havia uma civilização. Sevckenko escreve que havia princípios básicos que deveriam ser realizados a qualquer custo:

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia que pudesse se opor a ela. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose (...): a condenação dos hábitos e costumes ligados à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.¹

Tal modificação tem como resultado hoje, que quase não há quase resquícios da cidade colonial do Rio de Janeiro, assim como em São Paulo, cuja burguesia também fez questão de fazer desaparecer as lembranças desse período da História.

Para provar que é possível ler a história simultaneamente ao ato de ler a literatura, reproduzindo como que pelo avesso o movimento de quem fez história fazendo literatura, Sevckenko buscou dois autores representativos do período da *Belle Époque* brasileira: o engenheiro Euclides da Cunha (1866-1909), descendente de portugueses e sertanejos baianos, e o amanuense Lima Barreto (1881-1922), mulato, que por problemas financeiros teve de desistir, logo depois de matriculado, de estudar Engenharia.

Quando se remete a trabalhar com intelectualidade, em especial a do Rio de Janeiro, Sevckenko busca os anseios e frustrações de parte dos intelectuais brasileiros nos anos iniciais da República, num período que se estende na verdade do início da campanha abolicionista até a década de 1920, em que o Rio de Janeiro exerceu papel preponderante, senão hegemônico, como capital cultural, além de ser o centro das decisões políticas e administrativas.

A importância da intervenção da ação dos intelectuais está na postura de modificação para o benefício burguês da sociedade, o que se evidencia quando do seu apoio seja pelas crônicas, seja por certas atitudes de vinculação

¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.43.

RILA, Santa Maria, RS, v.4, n. 1, jan./jun. 2007.

e aproximação dessas elites econômicas. O autor capacita em tópicos as nuances de apoio dos intelectuais:

Os tópicos que esses intelectuais enfatizavam como as principais exigências da realidade brasileira eram: a atualização da sociedade como o modo de vida promanado da Europa; a modernização das estruturas da nação, com a sua devida integração na grande unidade internacional. E a elevação do nível cultural e material da população.²

O mascaramento dos costumes culturais em prol de uma sofisticação arquitetônica aos moldes europeus, em especial franceses, refletia-se na problemática estrutural do país, que tinha em cada 100 habitantes, em torno de 15 alfabetizados, o que restringe a função dos escritores a uma parcela ínfima, ou seja, a elite.

Outros fatores contribuíram para o deslocamento do ambiente dos intelectuais, como a evolução tecnológica e a o surgimento e divulgação do jornalismo e do cinema, mesmo que muito incipiente no começo do século XX.

A literatura desse período ganhou feições urbanizadas, passadas em geral no Rio de Janeiro onde se concentrava a elite letrada, a tecnologia, o dinheiro e a política. Dessa ressalta-se a importância apontada por Sevcenko de Lima Barreto e Euclides da Cunha.

Pontuar os propósitos de Euclides e Lima é traçar um relevante elemento comparativo entre dois dos maiores escritores do chamado Pré-modernismo, o que de certa forma deturpa a imagem desses escritores, pois eles possuem características sócio-culturais, estimuladas em suas literaturas que podemos, como faz Sevcenko, trata-los como representantes da História literária dos primórdios do século XX.

Os dois tinham distintas maneiras de ver o mundo, mas ambos eram desiludidos com a evolução do regime republicano. Como estudante do Colégio Militar, Euclides se empenhara pessoalmente pela chegada da República, mas, pouco depois, já se mostrava contrariado com o que via, a república dos conselheiros, ou seja, dos fazendeiros de café. Preferia apostar na indústria e acreditava na força da iniciativa privada como capaz de impulsionar o desenvolvimento do país.

Para Lima Barreto, era justamente o grande empresário que representava a maior ameaça à sociedade. Quer fosse ele o latifundiário, o especulador, o proprietário de “falsas indústrias” que vivia a mamar nas

² Idem, p.97.

tetas públicas ou ainda o grande cafeicultor que fraudava as leis do mercado mediante estoques financiados, lesando toda a nação. Ele era revoltado também com o comportamento dos jornais que faziam campanhas financiadas para apoiar determinadas obras, beneficiando empreiteiros. Como se vê, a prática de favorecer empreiteiros não vem de hoje.

A quase totalidade das gazetas era de proprietários de origem portuguesa, colônia que também dominava o comércio e a indústria da cidade. O escritor achava que os portugueses ficavam também com os melhores empregos – um patrão português sempre optava por um empregado português, em vez de prestigiar o trabalhador nacional – e era contra a imigração de europeus para o trabalho na lavoura.

Para Lima Barreto, a monarquia havia atingido um nível satisfatório e promissor de relacionamento com as diferentes etnias, processo que fora bruscamente interrompido pela emergência da burguesia republicana. A República, entendia, constituía apenas um novo pacto entre as elites, com prejuízo para os menos favorecidos, uma situação que sentira na própria pele, ao ver o pai, desempregado, enlouquecer.

A produção literária, seja em romances, contos ou crônicas expressam que tais autores constituíram-se em viver um mesmo momento de maneiras distintas, enquanto Euclides valorizava a ciência, a questão da raça, da civilização e a atuação do barão de Rio Branco³, Lima repudiava e criticava de maneira plena todas essas questões fundamentais do período.

Por último cabe identificar que, segundo Sevcenko, mesmo tendo verificado as diferenças e proximidades dos autores, o contexto da época, e os estilos dos escritores trabalhados, tanto Lima Barreto quanto Euclides da Cunha visaram o “debate, análise e combate de questões, que para ambos, resumiram os significados mais essenciais do período histórico em que viviam”⁴, discutindo a problemática cultural do momento, a decadência intelectual e os limites da vida que se impunha em uma cidade que procurou apagar o seu passado.

Considerando que o texto de Sevcenko fora escrito em estilo claro e valeu-se de uma extensa bibliografia, sendo originalmente sua tese de doutoramento, creio que as impressões e as análises utilizadas durante a composição da obra são pertinentes no sentido da valorização da obra de Euclides da Cunha e, em especial, de Lima Barreto, nunca perdendo de vista o entrecruzamento entre História e Literatura.

³ Idem, p.145.

⁴ Idem, p.150.

Enfim, penso que as situações de expressão da Literatura utilizadas como fontes documentais da história latino-americana são pertinentes no sentido da valorização dos bens de utilização da linguagem, das idéias, das mentalidades, e também, dos reflexos sócio-políticos em que os autores expressam através de sua biografia ou mesmo intrínsecos em suas obras.